



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO¹

Marcia Perencin Tondato

Docente da UMESP – Rudge Ramos – Graduação – Faculdade de Jornalismo e
Relações Públicas.

Coordenação:

Agência de Comunicação Mercadológica e Agência de Relações Públicas – UMESP

Sou uma parte de tudo aquilo que encontrei pelo caminho.

Alfred Tennyson

Resumo: Não aprendemos somente a falar, mas também a pensar, e este pensamento reflete a condição social do indivíduo. Os textos trazem as marcas do contexto. O objetivo deste trabalho é expor aspectos da complexidade que é o cotidiano com a intenção de problematizar este espaço e tempo de construção de sentido. Para apresentação desse tema, primeiramente é feito um levantamento bibliográfico das principais correntes relacionadas. A seguir, uma análise filosófica do discurso de Eichmann por Hannah Arendt na busca da compreensão da origem do mal e o discurso de um programa de televisão jornalístico são utilizados como exemplo de construção de sentido. A análise do discurso de Eichmann em seu julgamento, ou do discurso dos MCM, aqui representado pelo programa Cidade Alerta, mostram uma relatividade da verdade no sentido do significado do texto na situação determinada.

¹ Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



Os meios de comunicação de massa, sejam eles os já tradicionalmente definidos, jornal, revista, rádio, televisão, cinema e fonografia, sejam os ainda indefinidos, a Internet como exemplo maior, são sem dúvida um fenômeno de alcance universal, grande popularidade e de caráter público. Conforme McQUAIL, (2000,4), a difusão do uso dos meios de comunicação de massa "tem conseqüências para a organização política e vida cultural das sociedades contemporâneas nos seus diversos aspectos", inclusive econômicos, com o crescimento e diversificação das corporações do ramo. No que diz respeito à política, duas características podem ser assinaladas: a importância dos meios de comunicação como arena e canal para o processo democrático, e sua utilização como meio de poder em virtude da limitação do acesso à produção por parte da maioria da população.

No lado cultural, na medida em que o acesso aos seus conteúdos é ampliado, incluindo todos os estratos econômicos, culturais e sociais da população, os meios tornam-se, ainda segundo McQUAIL, “uma fonte primária de definições e imagens da realidade social e a expressão mais onipresente da identidade compartilhada, assim como o maior foco de interesse de lazer, que fornece meio ambiente cultural para a maioria das pessoas”.

Em O MUNDO ASSOMBRADO PELOS DEMÔNIOS, SAGAN mostra-se preocupado com o evidente "emburrecimento da América do Norte originado pelo lento declínio do conteúdo substantivo nos tão influentes meios de comunicação, nos trinta segundos de informações que fazem furor, na programação de padrão nivelado por baixo, na apresentação crédula da pseudo ciência e da superstição, mas especialmente numa elaboração da ignorância" (1997,39). A partir desta preocupação, o mesmo autor tem um pressentimento sobre a "América do Norte dos tempos dos (seus) filhos e dos (seus) netos - quando os Estados Unidos serão uma economia de serviços e informações; quando quase todas as principais indústrias manufatureiras terão fugido para outros países; quando tremendos poderes tecnológicos estarão nas mãos de uns poucos, e nenhum representante do interesse público poderá sequer compreender de que se trata; quando as pessoas terão perdido a capacidade de estabelecer seus próprios compromissos ou questionar compreensivelmente os das autoridades; quando, agarrando os cristais e consultando nervosamente os horóscopos, com as nossas faculdades críticas em decadência, incapazes de distinguir entre o que nos dá prazer e o que é verdade, voltaremos a escorregar, quase sem notar, para superstição e a escuridão" (SAGAN, 1997,39).



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Para nós, habitantes dos países que não fazem parte da economia poderosa alimentada pelas 'principais indústrias manufatureiras ... com tremendos poderes tecnológicos', mas que consumimos os mesmos modelos de programação dos meios e, portanto, estando expostos às mesmas conseqüências, a importância do estudo dos meios de comunicação de massa é uma questão que cresce cada vez mais, desenvolvendo-se da preocupação com suas formas de produção, regulamentação, ao uso e efeitos de seus conteúdos.

O objetivo deste texto é expor aspectos da complexidade que é o cotidiano com a intenção de problematizar este espaço e tempo de construção de sentido, a partir da abordagem qualitativa aplicada ao estudo da construção do sentido nesse cotidiano, tendo como base a palavra, elemento base das relações sociais em todos os domínios, que reflete e refrata as ideologias (BAKHTIN).

Para apresentação desse tema, primeiramente é feito um levantamento bibliográfico das principais correntes relacionadas. A seguir, uma análise filosófica do discurso de Eichmann por Hannah Arendt na busca da compreensão da origem do mal e o discurso de um programa de televisão jornalístico são utilizados como exemplo de construção de sentido.

IANNI (1996,38) utiliza a imagem do caleidoscópio para falar da globalização dizendo que "o mundo se pluraliza, multiplicando as suas diversidades, revelando-se um caleidoscópio desconhecido, surpreendente. Ao lado das singularidades de cada lugar, província, país, região, ilha, arquipélago ou continente, colocam-se também as singularidades próprias da sociedade global. Por sobre a coleção de caleidoscópios locais, nacionais, regionais ou continentais, justapostos e estranhos, semelhantes e opostos, estende-se um vasto caleidoscópio universal, alterando e apagando, bem como revelando e acentuando cores e tonalidades, formas e sons, espaços e tempos desconhecidos em todo o mundo. Entrecruzam-se, fundem-se e antagonizam-se perspectivas, culturas, civilizações, modos de ser, agir, pensar, sentir e imaginar. Tanto apagam e recriam diversidades preexistentes como formas-se novas. Ao mesmo tempo que expressa e deflagra processos de homogeneização, provoca diversidades, fragmentações, antagonismos".



Também o cotidiano pode ser visto como um caleidoscópio. Composto de diversos elementos que se combinam, tomando sentido através do movimento, das reflexões e refrações nas suas paredes internas espelhadas. Como no cotidiano, a cada movimento, para cada pessoa, suas partes constituintes organizam-se de forma diferente, adquirindo um novo sentido. Nos espelhos internos, os elementos se refletem e se refratam, modificando as formas, mostrando-se de forma diferente a cada um. Como os sentidos construídos no cotidiano, também as imagens no caleidoscópio não podem ser congeladas, se tirarmos uma foto já não é caleidoscópio, é uma foto da imagem formada. O mesmo acontece em relação ao cotidiano. A análise de um momento específico do cotidiano reproduzido no discurso só permite sua compreensão considerado o movimento gerado pela pluralidade de vozes presentes no mesmo.

Assim, analisar o cotidiano na busca do seu conhecimento implica Distanciamento e Imersão, Analogia e Crítica. Estudar o cotidiano é buscar o significado transformado em estereótipos, preconceitos, a partir da circulação das formas simbólicas permitida pela consciência possível resultante de uma ideologia. Simmel (apud MAFFESOLLI, 1995,65) diz que "todos os eventos banais, exteriores, são finalmente, ligados por fios condutores às opções finais, referentes ao sentido e ao estilo de vida", enfatizando assim o sistema reticular que é a vida cotidiana (...) "rede sutil, complexa, na qual cada elemento, objeto, assunto, situações anódinas, eventos importantes, pensamento, ação, relações, etc., só funciona enquanto ligado ao todo e só faz sentido dentro e pela globalidade."

Para JOBIM e SOUZA é necessário resistir "a toda espécie de sistematização ou acabamento conceitual e classificatório, responsável por tornar simplória e empobrecida a complexa realidade da condição humana", é preciso "pensar as questões contemporâneas a partir de formulações teóricas que considerem a linguagem como ponto de partida e desvio para se apreender a complexidade, cada dia maior, da experiência do homem num mundo em permanente transformação"(1999,333).

O cotidiano como campo de estudo é um laboratório social, cujos elementos são o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade, é "lugar de uma possível apropriação do devir social" (LEFEBVRE apud TEDESCO, 1999,159), (...) "um lugar revelador de problemas sociológicos importantes" (TEDESCO, 1999,191), entre eles " os



mecanismos que ligam as micro e a macro estruturas, o papel da ação humana na história e o conhecimento da sociedade" (HAGUETTE, 1999,19).

TEDESCO (1999,196) diz que "no momento o local e o global se inscrevem no primeiro plano das preocupações intelectuais, mas poucas pessoas se apercebem que é o cotidiano que fornece uma via para abordar a globalidade". "A vida cotidiana é, de uma parte, lugar de fetichismo, da alienação, mas de outro lado, é a pedra de toque do valor do político, da obra, das relações de produção e da estruturas econômicas." (LEFEVBRE apud TEDESCO, 1999,161); assim o cotidiano "é (também) lugar de alienação na medida em que a individualidade não tenha espaço para movimento" (HELLER apud TEDESCO, 1999,172), e "espontaneidade e probabilidade na medida em que é impossível refletirmos a cada passo que damos, deixando as conseqüências das ações por conta da probabilidade da repetição" (TEDESCO, 1999, 174).

Como objeto, os aspectos constituintes do cotidiano são: o sentido do senso comum, a repetição da rotina, o estilo do ordinário. O que caracteriza a temporalidade cotidiana é a repetição contra o acontecido (como fator de segurança contra os acasos), a ruptura contra a repetição (reavivar o cotidiano: as festas, as férias ...) e o cotidiano contra o tempo, gerenciando-o, organizando-o para não tumultuar a rotina (BALANDIER apud TEDESCO, 1999,177). Alguns aspectos devem ser enfatizados, entre eles o cotidiano como espaço do conformismo, como lugar de construção do sentido, como lugar de ruptura e construção da história. Rotina, rotinizante, dia-a-dia, ordinário, senso comum, palavras utilizadas quando falamos de cotidiano. Entretanto para que entendamos este espaço tão 'comum' é preciso problematizá-lo, para termos uma visão o quanto mais completa da sua complicação e complexidade (TEDESCO, 1999,206).

O desafio teórico no estudo do cotidiano está em conseguir fazer a passagem da parte para o todo, ou seja, descobrir o todo na parte, articular um saber que fundamente e, ao mesmo tempo, supere os limites do "aqui e agora". O critério da racionalidade científica é o elemento que ultrapassa as oposições (inclusive a indução/dedução) e também contrasta com os saberes do senso comum e mágico.

Estudar o cotidiano implica reconhecer seus diferentes aspectos. Quando permitimos que este processo seja iniciado, a realidade passa a ser conhecida além de seus estereótipos, preconceitos, podendo ocorrer uma ampliação da consciência possível. Conforme GOLDMAN (1971:392), "a consciência receptora é opaca a toda série de informações que não passam, devido a sua estrutura, enquanto outras passam, enfim, mas de uma maneira deformada. Com efeito, é importante para quem quer



interferir na vida social, saber quais são, num determinado estado, numa situação dada, as informações que podem se transmitir, as que passam sofrendo deformações mais ou menos importantes, e as que não podem passar".

Por que estamos preocupados com isso? Para tratar do tema 'construção do significado no cotidiano, do uso da palavra' é preciso pensar nas possibilidades do entendimento, daí a lembrança da consciência possível, que para GOLDMAN(1971,393-395), pode ser definida em três etapas: "em primeiro lugar, ocorre com muita frequência que uma informação não passa por falta de informação anterior; se me apresentam uma fórmula matemática particularmente complicada, como não sou matemático de profissão, não compreenderei toda uma série de informações complementares para que possa compreender a mensagem. (...) O segundo plano, já é mais importante, ainda que não seja propriamente sociológico, é o da estrutura psíquica do indivíduo. (...) Nesse caso, para que a informação possa passar tem que se operar uma transformação da consciência, no plano puramente psicológico, independente de toda a mudança social. Trata-se aqui de um obstáculo para a comunicação mais resistente que no caso anterior, mas ainda se pode imaginar uma possibilidade de superá-lo. Uma estrutura psíquica individual pode certamente se transformar. Pode-se mudar o meio em que vive o indivíduo, pode-se submetê-lo a um tratamento psicanalítico etc. (...) O terceiro plano, que já é o sociológico, mas que continua sendo ainda periférico, é aquele em que um grupo social particular de indivíduos – sendo dada a estrutura de sua consciência real, resultante de seu passado e de múltiplos acontecimentos que influíram nela – oferece resistência à passagem de certas informações. (...) Chegamos agora a um nível mais importante no campo que nos preocupa, aquele em que se coloca o problema do que Marx chamava os limites da consciência possível; é o caso em que, para conseguir a transmissão, o grupo, enquanto grupo, deve desaparecer ou transformar, até o ponto de perder suas características sociais essenciais."

Como chegar a este sentido construído no dia-a-dia?

O conhecimento científico é relacionado com a observação empírica. Este posicionamento causa polêmicas no estabelecimento das Ciências Sociais na medida em que neste campo os fenômenos nem sempre são passíveis de observação e



comprovação empírica. De acordo com ALVES-MAZZOTTI (1998,111), tradicionalmente, “a observação estava, ao mesmo tempo na origem e na verificação da veracidade do conhecimento, utilizando-se a lógica e a matemática como um instrumental *a priori* que estabelecia as regras da linguagem. Assim, a atividade científica ia construindo indutivamente as teorias, isto é, transformando progressivamente as hipóteses, depois de exaustivamente verificadas e confirmadas pela observação, em leis gerais e as organizando em teoria, as quais se propunham a explicar, prever e controlar um conjunto ainda mais amplo de fenômenos”.

Essa abordagem no campo das Ciências Sociais, entretanto, começou a não satisfazer as expectativas paradigmáticas em prática. Estudar o cotidiano implica conceber mudanças de descontinuidades históricas; aponta a necessidade de construir categorias de análise no próprio processo de pesquisa, aceitar a transitoriedade de conceitos e do próprio conhecimento, e efemeridade das perspectivas, a heterogeneidade das temporalidades, os ritmos desconexos, descortinando o tempo imutável e repetitivo ligado aos hábitos, mas também o tempo criador, dinâmico e das inovações (TEDESCO). E se este estudo do cotidiano incluir os MCM é preciso também entender as possibilidades abertas de ampliação do conhecimento, o que implica indagar sobre a construção dos sentidos que é algo que vai além da 'mensuração dos efeitos dos MCM'. Em vista disso, o avanço de novas idéias contribuiu para que outras teorias fossem sendo desenvolvidas em diferentes abordagens, com visões mais contextualizadas dos objetos da comunicação a partir de perspectivas mais críticas e culturais.

Essas novas propostas promoveram uma dicotomia quantitativa X qualitativa, que aos poucos se desfaz a partir de uma abordagem característica das Ciências Sociais onde os dados são coletados de forma qualitativa, através de entrevistas, observações de grupo, análises de documentos, podendo até ser quantificados posteriormente. O centro da questão na escolha da abordagem metodológica passa a ser o modo pelo qual a pessoa se integra na sociedade ou dela se marginaliza. Com relação a este ponto, GRAWITZ (apud RICHARDSON, 1999,82) diz que “a multiplicidade de papéis que pode assumir um indivíduo, no seio da cultura, testemunha a complexidade e o grau de evolução desta cultura. O papel está ligado ao status e é mais ou menos submisso aos modelos sociais que regulam a sociedade”. É com base nessas concepções sobre



personalidade que os dados qualitativos viabilizam uma análise global, relacionando o indivíduo com a sociedade.

Para TEDESCO “o problema dessa centralidade da análise do indivíduo no espaço local é que os espaços se dispersam na vida cotidiana” (1999:206). O 'estranhamento' é importante - o olhar do diferente é que provoca a pergunta; a condição da pesquisa antropológica, basicamente de característica qualitativa, é a continuidade, a reiteração - para que haja possibilidade de estabelecer um padrão; imersão sem se 'afogar'. Descrição densa não é minuciosa - é qualidade de informação, descobrir o significado do ator a partir do seu lugar, "para entender o jogo é preciso entender as regras" - situar o recorte, dissolver o objeto na banalidade do horizonte, possibilitando uma fusão de horizonte, o meu horizonte e o horizonte do meu objeto.

A construção do sentido passa pela linguagem (BACCEGA, 1998), pelo pensamento (HELLER) e pelo trabalho (KOSIK), "o homem só consegue perceber as finalidades de sua ação quando as concebe. E, para concebê-las, é fundamental a linguagem" (BACCEGA). "Todos nós precisamos pensar nossas relações com a natureza e com os outros e a urgência de determinadas ações impõem reações imediatas que não respeitam as exigências do conhecimento científico. Essa forma de reflexão denomina-se ideologia. O homem não pode viver sem uma representação do mundo – sua ideologia" (RICHARDSON, 1999, 38). A produção de competência lingüística é um processo de produção de ideologia, a palavra é o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia pois que retrata as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes, pontos de vista daqueles que a empregam.

A importância da linguagem no estudo do cotidiano: "Certos campos parciais não se bastam (a imagem). Outros bastam-se (a música, a pintura, esta bem diferente da imagem). Uns voltam para a linguagem; a linguagem volta para os outros. Ela explora os campos, perscruta o real e o possível, o próximo e o horizonte. Verifica lacunas, rupturas, vazios, pausas do texto social. A linguagem permite preencher esses vazios, momentaneamente ou duravelmente, por meio de interpretação ou hipóteses. Situa-se no centro, mediação entre os campos, caminho para passar de um para outro. É uma função relacional." (LEVEBVRE, apud BACCEGA, 1998, 23).



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

BAKHTIN defende uma ideologia do cotidiano, "deixando de lado o fato de que a palavra, como signo, é extraída pelo locutor de um estoque social de signos disponíveis, a própria realização deste signo social na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais." (BAKHTIN, 1999:113). "Pode-se dizer que não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas o nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão" (...) "à totalidade da atividade mental centrada sobre a vida cotidiana, assim como à expressão que a ela se liga, chamamos ideologia do cotidiano, que é distinta dos sistemas ideológicos constituídos, tais como a arte, a moral, o direito, etc." (BAKHTIN, 1999:118). "O nosso cotidiano é vivido num tumulto de expressões que materializam a nossa vida social e que regem o nosso mundo interior. (...) Nas manifestações do cotidiano vão se reconfigurando significados" (...) O signo instituído, significado/significante manifesto, é um novo produto cultural que passa a fazer parte da consciência social verbalmente constituída".

A sociedade é depositária e construtora da dinâmica de trocas e imposições, normalmente capitaneadas pela estrutura político-econômica. SCHAFF trata a língua como um conjunto de juízos de valor, preconceitos, estereótipos. Nesse sentido, a linguagem é mediadora entre o que é social e o que é individual no pensamento. Em LIPPMAN vemos que o desconhecimento da realidade leva à adoção do estereótipo através do processo da simplificação. Assim, simplificação (estereótipo) generalização (preconceito) são muletas na correria do dia-a-dia.

Mas tanto esse cotidiano como essa ideologia sofrem cada vez mais a influência dos MCM. Pensando como Lefevbre, vimos que o cotidiano é um horizonte por excelência de consumo de símbolos; as fontes de informação são variadas. (...) "O cotidiano é fortemente programado pelos meios de comunicação social; esses estruturam as fontes audiovisuais que aproximam e sedimentam informações, inspirações, estilos de vida ritualizados, banalizados, etc., assim como também podem contribuir para potencializar a própria subversão do cotidiano" (LEFEVBRE apud TEDESCO, 1999:207).

Os MCM mostram uma sociedade relacional. Enquanto vivemos o individualismo, sendo os relacionamentos baseados e guiados pela (des)confiança e



necessidades de cada um, o quadro mostrado nos MCM trata do humano-genérico, onde o estereótipo é o modelo. Na vida real, o particular-individual faz do preconceito seu apoio. Através do simbolismo, aquilo que é comum, é rotina, é transformado adquirindo sentidos universais, ainda que essa aquisição passe pela construção de estereótipos e reforço de preconceitos. Os estereótipos e preconceitos facilitam a construção do cotidiano na ficção através da simplificação e da generalização. Os MCM se transformam em filtro, com vazios significativos.

Para ROCHA, "a Comunicação de Massa, sob determinado ângulo, se posiciona na contramão da cultura que a inventa. O ponto de partida é tratar as mensagens veiculadas pela mídia como produtoras de representações sobre uma efetiva maneira de viver em sociedade (1995, 165) (...) Na cultura ali projetada, o indivíduo e a individualidade não parecem ser valores centrais. Isto indica outra profunda inversão de sentido, contrariando a ênfase dominante na nossa sociedade. Assim, além da inversão da temporalidade seqüencial e histórica, também temos a inversão do valor da individualidade. O indivíduo - figura ideológica crucial na cultura moderna - é um ser de segunda classe, abandonado mesmo, no mundo dentro da Comunicação de Massa. O mundo relacional - encontra na novela de televisão o seu principal modelo (1995, 176). Os elementos usualmente alocados no indivíduo, como as emoções, acabam exteriorizados em signos do universo relacional. (...) Assim, a representação a que assistimos dentro da tela da Comunicação de Massa é a de uma sociedade relacional. O ponto é saber se existe um lugar, nessa representação da vida social, dos MCM, para o imperativo da "ordem", do "mando" e da "obediência". (...) Na verdade, a Comunicação de Massa não explicita o desejo de mandar em ninguém sob nenhum ponto de vista. (...) Ela não precisa mandar, uma vez que pode convencer" (1995, 181).

O contraste individual / coletivo gerado no consumo do conteúdo dos meios de comunicação de massa promove o fascínio, tornando o "(...) lar (SILVERSTONE apud TUFTE) (é) um ambiente que dá origem a um quadro fenomenológico de referências sobre como a televisão influencia a vida cotidiana. (...) O lar é o palco da vida cotidiana e o aparelho de televisão fortalece esse sentimento (LEAL apud TUFTE, p. 294). Fuenzalida (apud TUFTE) argumenta que a televisão, especialmente a ficção, pode criar um compromisso emocional substancial entre os telespectadores quando conta estórias



da vida cotidiana. Os meios de comunicação entram no tempo cíclico da vida cotidiana como os mediadores, com suas estórias em fluxo contínuo criando um hábito repetitivo, de relaxamento e de inspiração. (...) Com base nas práticas cotidianas, surgem as rotinas que dão significado à existência produtiva da cidade, assim como à sua durabilidade cultural e simbólica" (CANCLINI apud TUFTE, 1997, 313).

PENSAMENTO, CONSCIÊNCIA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

Só existimos em um ambiente social, e esse ambiente social é que organiza o interior. A construção do significado é realizada a partir do grupo social. Se estamos inseridos em vários grupos, construímos significados cruzados. Mesmo vindo do mundo concreto, ao chegar em um ambiente maior em abstração, o indivíduo começa a construir uma organização do pensamento, que vai se caracterizar pela resignação, rebeldia, influenciada pela organização do grupo onde está inserido. BAKHTIN ilustra o conceito de atividade mental a partir das formas ideológicas falando da sensação de fome e a forma como é recebida pelo indivíduo, concluindo que "a atividade mental do sujeito constitui (...) um território social", e que "fora de sua objetivação, de sua realização num material determinado (o gesto, a palavra, o grito), a consciência é uma ficção" (1999,117).

Como parte do estudo sobre o totalitarismo, Hannah Arendt analisa o processo do julgamento de Eichmann. Nesta análise a característica do mal é o ponto principal, e algumas de suas conclusões, ainda que dentro de uma base filosófica, podem servir como exemplos do processo de construção de sentido a partir da linguagem no meio social, como colocado por Bakhtin e outros.

Conforme SOUKI (1998,95), "Fica claro que é, de fato, um traço essencial do totalitarismo, este uso mistificante da linguagem; sua função é criar e manter o afastamento da realidade, e ela é criada não só para o uso da polícia, mas passa também a ser uma linguagem comum imposta a todos". "Os clichês, as frases prontas, os códigos de expressão padronizados e convencionais servem para proteger os indivíduos da realidade" (SOUKI, 1998:107).

No decorrer do processo, e através de uma atenção curiosa e análise aguda do que via e ouvia de Eichmann, Hannah Arendt parece ter chegado ao ponto nodal de suas



observações quando concluiu: " Quanto mais se o ouvia, mais claro se tornava que sua inabilidade de falar estava intimamente relacionada com a sua inabilidade de pensar, especialmente de pensar em relação ao ponto de vista de outras pessoas". E o que era mais chocante, e parecia ser uma decorrência dessa incapacidade de pensar, do qual dava prova este personagem, era a impossibilidade de se comunicar com ele devido às barreiras que ele mesmo levantava, " (...) não porque mentisse, mas porque estava 'fechado' às palavras e à presença de terceiros e, portanto, à realidade como tal". (SOUKI, 1998,96)

ARENDT (apud SOUKI) entende o mal como ausência de pensamento e afastamento da realidade que tornam os indivíduos incapazes da menor resistência ao mundo que a ideologia constrói e inconscientes de seus atos, "inconsciência aí não no sentido de uma ignorância sobre os atos e suas conseqüências, mas no sentido de um afastamento da realidade. Pois quanto à sua consciência, Eichmann se lembrava, perfeitamente bem, de que só teria sido má consciência se não tivesse feito o que lhe ordenavam" (SOUKI, 1998,97). SCHAFF (s/d,49) fala da realidade social objetiva que "condiciona nosso conhecimento, formada não apenas por grupos humanos definidos e ligados por relações recíprocas definidas e possuidores de interesses comuns definidos; mas também por opiniões que exprimem estes interesses e modelam em forma de ideologia os estereótipos sociais e, por conseguinte, as atitudes e comportamentos dos homens".

O real não é um dado sensível nem um dado intelectual, mas é um processo, um movimento temporal de constituição dos seres e de suas significações, e esse processo depende fundamentalmente do modo como os homens se relacionam entre si e com a natureza. Isso significa que uma ideologia sempre possui uma base real, só que essa base de ponta-cabeça, é a aparência social.

Da mesma forma, SCHAFF (s/d,58) diz que "a linguagem é em um sentido o fator e, no outro, a condição e mesmo o determinante do pensamento", enquanto para SOUKI (1998,119) "o pensamento, que está além da privacidade da cada um, só pode ser conhecido através de sua expressão da linguagem. As atividades mentais invisíveis e ocupadas como o invisível tornam-se manifestas somente através da palavra, pois, 'seres



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

pensantes têm o ímpeto de falar, seres falantes têm o ímpeto de pensar'. Implícita no ímpeto da fala está a busca do significado e não, necessariamente, a busca da verdade".

ANÁLISE DO DISCURSO

ORLANDI (2000,15) diz que "a análise do discurso, como o próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso, observa-se o homem falando. Na análise do discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido".

Conforme BRANDÃO (s/a, 10), Bakhtin não só coloca o enunciado como objeto dos estudos da linguagem como dá à situação de enunciação o papel do proponente necessário para a compreensão e explicação da estrutura semântica de qualquer ato de enunciação verbal. Essa visão da linguagem como interação social, em que o Outro desempenha papel fundamental na constituição do significado, integra todo ato de enunciação individual num contexto mais amplo, revelando as relações intrínsecas entre o lingüístico e o social.

O programa Cidade Alerta da Rede Record, nas palavras de abertura por seu apresentador, José Luis Datena, traz as principais notícias do Brasil e do mundo, entretanto, a observação de seu conteúdo mostra um noticiário policial, com forte presença opinativa do apresentador. Este é um gênero originado nos programas de rádio do "Homem do Sapato Branco", transplantado para a televisão em programas como o extinto "Aqui e Agora", desenvolvido pelo "Ratinho" e que agora assume versões mais leves, seja devido às manifestações de alguns segmentos da sociedade, seja por estratégias de produção e comercialização.

Na edição do dia 18 de julho de 2001, aqui comentada, foram mostrados 26 assuntos, distribuídos em 38 segmentos apresentados durante noventa minutos de programa, caracterizado pela fragmentação da notícia e superficialidade de informação.

Para efeito de exemplificação do uso da linguagem e construção de sentido, foram escolhidos os segmentos que focalizavam "o trabalho da Polícia Militar". Entre os 26 assuntos, sete eram relacionados diretamente com a atuação da Polícia Militar e



foram insistentemente comentados² pelo apresentador, sem contudo fazer uma argumentação de defesa clara e lógica. Em todas as matérias relacionadas com a PM, o apresentador claramente defende esta, justifica sua atuação e movimentos e apresenta como verdade valores ideológicos de injustiça social.

Estrutura das matérias: o apresentador anuncia o tema de forma objetiva, passando a voz para o repórter que, através de imagens ao vivo ou gravadas, narra os acontecimentos, limitando-se a mostrar locais, coletar depoimentos de envolvidos, vítimas ou autoridades, sem maior preocupação com análise da situação e apuração dos fatos. Após a apresentação da matéria gravada, volta-se aos estúdios onde o apresentador faz seus comentários que também pouco, ou nada, contribuem para maiores esclarecimentos.

Tendo como base um discurso persuasivo, em favor da Polícia Militar, o apresentador trabalha a argumentação de forma fragmentada utilizando como recursos efeitos metafóricos, adjetivação, hipérbole e clichês. Em várias ocasiões o silêncio fundador e o não-dito deixam espaço para complementação pelo espectador ou evitam que o locutor exponha suas opiniões. Através do interdiscurso outras vozes são apresentadas.

A metáfora está presente fazendo com que a linguagem tenha sentido dentro das intenções do apresentador. Em SOUKI (1998,120) temos que "para Kant, a linguagem metafórica é o único modo pelo qual a razão especulativa, que aqui fornece ao pensamento, pode se manifestar. A metáfora fornece ao pensamento uma intuição colhida do mundo das aparências, cuja função é a de "estabelecer a realidade de nossos conceitos", como que desfazendo a retirada do mundo, pré-condição para as atividades do espírito. A metáfora faz a ponte invisível sobre o abismo do invisível e o mundo das aparências".

Sobre isso PÊCHEUX diz que "o primado do significante sobre o signo é o sentido: o significante, que não é o signo e, como, tal, não tem sentido, determina a constituição do signo e do sentido. (...) O sentido é o efeito de uma relação no elemento do significante, relação que Lacan designou como metáfora, dizendo: 'uma palavra por outra, essa é a fórmula da metáfora'" e acrescentando a seguinte nota, excepcionalmente

² Os comentários analisados são apresentados na íntegra no anexo.



esclarecedora para nosso propósito: “a metáfora se localiza no ponto preciso em que o sentido se produz no non-sens”. (1988,262). "O sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (meta-phora), pela qual elementos significantes passam a se confrontar, de modo que “revestem de um sentido”, não poderia ser predeterminada por propriedades da língua; isso seria justamente admitir que os elementos significantes já estão, enquanto tais, dotados de sentido, que têm primeiramente sentido ou sentidos, antes de ter um sentido." (PÊCHEUX, 1988:263) "De fato, o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora, das quais certa formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem. Simultaneamente, a transparência do sentido que se constitui em uma formação discursiva mascara a dependência desta última em relação ao interdiscurso. Na verdade, a metáfora, constitutiva do sentido, é sempre determinada pelo interdiscurso, isto é, por uma região do interdiscurso." (PÊCHEUX, 1988: 263)

Ainda que não se trate de um discurso poético, o discurso dos meios de comunicação apresentam ainda a característica da carnavalização de Bakhtin, comentada por BARROS (1999, 7), segundo o qual, “reformula-se o mundo pelo discurso, vê-se a realidade sob novos prismas, refaz-se o ‘real’. Os discursos poéticos se caracterizam, em resumo, pela ambivalência intertextual interna que, graças à multiplicidade de vozes e de leituras, substitui a verdade “universal”, única e peremptória pelo diálogo de “verdades” textuais e históricas”.

Olha, a bem da verdade não adianta vir tapar o sol com a peneira: a nossa polícia em termos de Brasil, o Brasil inteiro, vê o que está acontecendo em Salvador, já aconteceu em Tocantins, é uma polícia muito mal preparada, que recebe um péssimo tratamento. Não tem nem bala para atirar para treino, não é verdade?

Essa é a dura realidade, não adianta tentar tapar o sol com a peneira.

Enquanto não melhorarem as condições, enquanto não derem um



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

treinamento melhor, mais apropriado, vão acontecer algumas barbaridades mesmo e aí a sociedade fica com mais medo da polícia do que bandido.

É uma situação profundamente terrível. Interessante que se gasta não sei quantos por cento do PIB. Quanto que é o percentual do PIB que se gasta com segurança? Acho que é 10%, é uma coisa de bilhões, de bilhões, que se gasta para evitar a violência, para se conter a violência no Brasil. Quer dizer se fosse bem gasto o dinheiro, com policiais bem treinados, com policiais bem pagos e bem preparados, se gastaria muito menos para remendar a situação.

No Brasil é assim, sempre tenta se remendar a situação.

É o que eu falo, ficam gastando dinheiro para remendar a situação de violência que tem no Brasil. "Ah precisa fazer mais cadeia". Precisa é melhorar o ensino desse país, precisa melhorar é o policiamento preventivo desse país. Gastar dinheiro certo que não precisa gastar demais. Gastam bilhões, bilhões do governo do Estado com segurança só para consertar o que fazem de errado.

Também os pobres e favelados ganham voz na figura do apresentador. Depois de justificar, por assim dizer, a conduta dos policiais, o apresentador faz uma tentativa de contextualização fazendo referência à situação econômica do país, utilizando um discurso ideológico de 'má divisão de renda', 'descaso da sociedade', 'descaso do governo':

Eu continuo a dizer ... Favela é o retrato mais claro dessa divisão de renda absurda que existe no Brasil. Tudo em sub habitação, que a favela representa, na realidade, a exclusão social de uma série de pessoas. São pobres, são imigrantes, que no Brasil vêm do Nordeste, vêm de outros estados, não têm onde morar, são empilhados na favela, e a sociedade cinicamente passa e "Olha lá o povo da favela "... e bota a polícia para controlar a instabilidade social da favela. Isso é uma coisa clara. Todo governante sabe disso. Agora eles vão lá resolver o problema da favela? Não. Vão lá pra bater, pra ... Porque a maioria das pessoas que mora na



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

favela não é bandido não, é gente boa que mora na favela. Só não tá morando no bairro do Morumbi, Higienópolis porque não tem dinheiro, que é excluído da sociedade, mas é tratada, essa gente, de uma forma cínica pelo governo e até pela própria sociedade.

Ao dizer que a favela é o gueto dos Estados Unidos, o apresentador procura elevar o conceito de favela. Porém, ‘gueto’, ‘favela’, ‘cortiço’, seja lá qual a palavra utilizada, a condição das pessoas que vivem nestes é a mesma. O apresentador faz referência a outros países, generalizando o problema da desigualdade social, da situação de imigrantes, porém, sempre sem nenhuma análise mais profunda, estrutural. Estas referências também poderiam ser analisadas sob o ponto de vista do auditório pretendido e do efeito pretendido sobre este auditório, que no caso poderia ser a transmissão de uma imagem culta.

Mas existe também nos países ricos, corresponde aos guetos norte-americanos, por causa da instabilidade social também nos Estados Unidos. Você lembra em Los Angeles, depois que aquele cidadão negro foi agredido, explodiu aquela revolta social nos Estados Unidos. Aconteceu também na França, um pouquinho antes de ter acontecido nos Estados Unidos, com imigrantes franceses, foi no Sul da França, ao que me parece. Aconteceu também na Inglaterra.

Ao citar acontecimentos fora do Brasil, o apresentador recorre à lembrança do espectador, como se fossem acontecimentos relevantes o suficiente para estarem presentes na memória coletiva. Neste sentido, lembramos HALBWACHS, para quem a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares (...) lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. Ao recorrer aos acontecimentos americanos, franceses e ingleses, o apresentador de certa forma recontextualiza os mesmos no intuito de igualar as condições brasileiras às destes locais



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

depois de ter criticado as condições brasileiras repetidamente. Ou seja, adota a postura do conformismo tanto através dos argumentos " ... no Brasil é assim mesmo ..", "lá fora também tem problemas ...".

Como que dando voz aquela facção da sociedade que ele critica, o apresentador apresenta outros pontos de vista:

"Ah mas tem bandido no meio" ... Tem mesmo, como tem minha profissão, na sua, na de muitos outros. Tem, lógico, todo lugar tem. No Morumbi tem um monte. Higienópolis tem um monte, na Zona Oeste tem um monte, Vila Mariana tem um monte,

"É porque essa polícia" ... quando não tem polícia é pior. (referência à greve dos PM)

" Ah mas bico foi proibido". Se o cara não fizer bico ele tá morto

"Ah precisa fazer mais cadeia". Precisa é melhorar o ensino desse país, precisa melhorar é o policiamento preventivo desse país.

CONCLUSÕES

Não aprendemos somente a falar, mas também a pensar, e este pensamento reflete a condição social do indivíduo. Os textos trazem as marcas do contexto.

Polifonia, interação e intertextualização são características dos discursos, que serão objetivos dentro dos limites do grupo a que se dirigem. A realidade existe como reflexo e refração da linguagem. MOTTER resume esta questão quando diz que "a linguagem se situa como mediadora entre o homem e o mundo, entre o natural e o cultural, o concreto e o abstrato. A linguagem foi socialmente modelada na prática social, e o reflexo/refração de uma situação concreta se constitui a resposta das questões práticas dessa situação" (1992,25).

De fato, a análise do discurso de Eichmann em seu julgamento, ou do discurso dos MCM, aqui representado pelo programa Cidade Alerta, mostram uma relatividade da verdade no sentido do significado do texto na situação determinada. Não que a verdade possa ser relativa ou absoluta, este é um outro aspecto do assunto, mas relativa no sentido da objetividade e isto é difícil de ser provado na medida em que cada pessoa tem acesso a um escopo limitado de conhecimento.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Na fala de Eichmann percebemos o conformismo e a alienação através de um discurso caracterizado pelo afastamento da realidade. O sentido se constrói a partir da obediência às ordens.

Nos meios de comunicação o sentido é construído a partir do senso comum, sem haver nenhum momento de ruptura. O apresentador parte de estereótipos, idéias, para chegar à realidade. Suas palavras refletem uma posição ideológica de que todo o mal do país se concentra na instabilidade social, sem definir ao certo do que se trata isso, e refrata uma posição de que através da força (melhores condições de atuação para a Polícia Militar) é que conseguiremos a ordem.

Através de um discurso repleto de lugares-comuns, repetições, vazios e não-ditos, o apresentador se coloca como expositor da verdade sobre a situação sócio-econômica do país, apropriando-se de diversas falas, sem contudo chegar a uma conclusão, lógica ou satisfatória. Assim como Hannah Arendt fala da banalidade do mal como "uma possibilidade humana, uma contingência e, sendo assim, (acha-se) inscrito na sua liberdade" (SOUKI, 1998, 144), podemos falar aqui da banalidade da (des)informação promovida pelos MCM, que apresenta acontecimentos desconectados de qualquer seqüência lógica-explicativa, ligados por uma exposição ideológica, que resulta um panorama ficcional de uma realidade que nunca é mostrada.

Bibliografia recomendada:

- ALVES-MAZZOTTI, Alda, GEWANDSZNAJDAR, Fernando. O método nas ciências naturais e sociais. Pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação e linguagem – discurso e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Dialogismo, polifonia e enunciação* IN BARROS, Diana Luz Pessoa de e FIORIN, José Luiz (orgs.). Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin. São Paulo: EDUSP, 1999.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. Campinas, SP: UNICAMP, s/a.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- DeCERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano - a arte de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GOLDMAN, Lucien. *Consciência possível e comunicação*. IN COHN, Gabriel. *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Nacional, 1971.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990
- HELLER, A. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985
- IANNI, Octavio. *A era do globalismo*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1996.
- JOBIM e SOUZA, Solange. *Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin: polifonia, alegoria e o conceito de verdade no discurso da ciência contemporânea*. IN BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.
- KOSIK, K. *O mundo da pseudoconcreticidade e a sua destruição* IN *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo, Ática, 1991
- LIPPMAN
- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*, Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- MARTINS, José de Souza. *Apontamentos sobre a vida cotidiana e história*. São Paulo : *Anais do Museu Paulista*, v. 4, p. 49-58, jan./dez., 1996.
- McQUAIL, Denis. *Mass Communication Theory*. London: Sage, 2000. pp. 301 e 357.
- MOTTER, Maria Lourdes. *Ficção e história: imprensa e construção da realidade*. Tese de doutorado - ECA/USP, 1992.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso*, 2a. edição. Série Princípios e Procedimentos, Campinas: Pontes, 2000.
- PECHEUX, M. *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: UNICAMP, 1988.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa Social – métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.
- ROCHA, Everardo. *Comunicação de Massa e o Mundo Invertido* IN *A sociedade do sonho - comunicação, cultura e consumo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios*. São Paulo: Cia da Letras, 1997.

SCHAFF, Adam. *A objetividade do conhecimento à luz da sociologia do conhecimento e da análise da linguagem* IN KRISTEVA, J. et alli (orgs.) *Ensaio de semiologia*. Rio de Janeiro: Eldorado, s/d.

SOUKI, Nadia. *Hannah Arendt e a banalidade do mal*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

TEDESCO, João Carlos. *Paradigmas do cotidiano - introdução à constituição de um campo de análise social*. Santo Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

TUFTE, Thomas. *Questões a serem estudadas em Estudos Etnográficos de Mídia: Mediação e Hibridização Cultural na Vida Cotidiana*. IN VASSALO DE LOPES, Maria Immacolata (org.) *Temas contemporâneos em Comunicação*. São Paulo: EDICON/INTERCOM, 1997. p. 291.